



A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE P4 NA FALA DOS MORADORES DA PRAÇA 14 DE JANEIRO DA CIDADE DE MANAUS (AM)

THE VARIATION IN VERBAL AGREEMENT OF P4 IN THE SPEECH OF RESIDENTS OF PRAÇA 14 DE JANEIRO IN THE CITY OF MANAUS (AM)

Flávia Santos Martins (UFAM)¹
flavinhaingrid@yahoo.com.br

Ana Paula Silva de Sá (PPGL/UFAM)²
silvaana187@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa apresenta os resultados de uma análise quantitativa da variação na concordância verbal de P4 na fala dos moradores da Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM). Tem como objetivo geral investigar a variação na concordância verbal de P4 na fala dos moradores do referido bairro. Os objetivos específicos são: i) analisar como é produzida a concordância verbal de P4 na fala dos moradores da praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM) e ii) identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação na concordância verbal na fala dos moradores da Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM). A principal teoria utilizada neste estudo é a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Foram entrevistados seis informantes distribuídos em 'sexo' e 'faixa etária'. Todos os informantes entrevistados estudaram até o ensino fundamental II. No total, foram analisados 166 dados e constatou-se que a variante mais frequente é a *canônica* ('a gente ama') com 62,7%. Foram analisados os grupos de fatores linguísticos como 'saliência fônica', 'distância do sujeito em relação ao verbo' e 'tempo verbal', e no que diz respeito aos grupos de fatores extralinguísticos, buscou-se analisar 'sexo' e 'faixa etária'. A partir da análise estatística, os grupos de fatores que mais influenciaram a aplicação da regra (variante *canônica*) foram os extralinguísticos: 'faixa etária' (18-35, 36-55 e 56 em diante) e 'sexo' (homem e mulher), respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Concordância verbal; Manaus (AM).

ABSTRACT: This research presents the results of a quantitative analysis of the variation in the verbal agreement of P4 in the speech of the residents of Praça 14 de Janeiro in the city of Manaus (AM). Its general objective is to investigate the variation in the verbal agreement of P4 in the speech of the residents of that neighborhood. The specific objectives were: i) to analyze how the verbal agreement of P4 is produced in the speech of the residents of Praça 14 de Janeiro in the city of Manaus (AM) and ii) to identify the groups of linguistic and extralinguistic factors that condition the variation in verbal agreement in the speech of the residents of Praça 14 de Janeiro in the city of Manaus (AM). The main theory used in this study is the Theory of Variation and Linguistic Change. Six informants were interviewed, distributed by gender and age group. All informants interviewed studied until elementary school II. In total, 166 data were analyzed, and it was found that the most frequent variant is canonical with 62.7%. The groups of linguistic factors were analyzed, such as phonic salience, distance from the subject in relation to the verb and tense, and with regard to the groups of extralinguistic factors, the aim is to analyze gender and age group. From the statistical

¹ Professora adjunta da Universidade Federal do Amazonas.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM.



analysis, the groups of factors that most influenced the application (canonical) of the rule were the extralinguistic ones: age group (18-35, 36-55 and 56 onwards) and sex (man and woman), respectively.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Verbal agreement; Manaus (AM).

1 Introdução

Neste artigo, investigamos, sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), de maneira geral, a variação na concordância verbal de P4 na fala dos moradores da Praça 14 de Janeiro da Cidade de Manaus (AM). Especificamente, procurou-se analisar quais as variantes dessa variável dependente são mais utilizadas na fala dos referidos moradores, assim como pretendeu-se identificar quais os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação.

Para a expressão da concordância verbal de P4, encontramos no Português Brasileiro (PB), pelo menos, quatro variantes, a saber: i) *menos canônica* (ex.: nós ama); ii) *mais canônica* (ex.: nós amamos); iii) *canônica* (ex.: a gente ama) e iv) *não canônica* (ex.: a gente amamos). Vale ressaltar que essa nomenclatura das variantes foi baseada nas nomenclaturas de Amaral (2003 *apud* DAVET e CAMPOS-ANTONIASSI, 2014).

Os condicionadores linguísticos controlados, nesta pesquisa, foram os seguintes: *saliência fônica, posição e distância do sujeito em relação ao verbo e tempo verbal*. Já os grupos de fatores extralinguísticos foram divididos em dois: *sexo e faixa etária*.

Neste artigo, a fim de compreendermos o fenômeno em questão, faz-se, dessa forma, inicialmente, uma resenha sobre alguns estudos a respeito da concordância verbal e expressão pronominal de P4 realizados no PB. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados e, por fim, evidencia-se a análise dos dados.

2. Concordância verbal no Português Brasileiro

Apresentam-se agora três pesquisas sobre concordância verbal realizadas no PB a fim de elucidar algumas perspectivas propostas nesta pesquisa. Optou-se por mencionar trabalhos de concordância verbal de forma geral, pois não encontramos muitos trabalhos



que considerassem, especificamente, a concordância verbal de P4 como variável dependente.

Silva e Carvalho, em 2010, realizou uma pesquisa intitulada *A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala popular de Martinópolis – TO: Resultados preliminares*. É importante salientar que Martinópolis foi fundada no final da década de 1960, logo, as pessoas que foram entrevistadas eram, em sua maioria, agricultores, caseiros e donas de casa. Para participar da pesquisa, o informante deveria ter vivido no mínimo os últimos 35 anos em Martinópolis e não ter vivido mais de um ano fora do local.

O *corpus* foi constituído de seis gravações em fita K-7 de sessenta minutos. Os informantes foram selecionados de acordo com as variáveis sociais *sexo* (3 homens e 3 mulheres), *faixa etária* (25-54 anos e mais de 55 anos), *tempo de escolarização* (até 4 anos).

Obteve-se 69 ocorrências distribuídas em marcação padrão *-mos* (PD) com 0%, não padrão *-mo* (ÑPD) 18,84% e ZERO com 81,16%. Apenas considerando a variável *sexo*, os autores concluíram que as mulheres tendem a utilizar mais a variante não padrão, uma vez que os resultados encontrados para elas, em uma análise de 36 ocorrências foram 0%, 13,89% e 86,16%, respectivamente, para PD, ÑPD e ZERO. Por sua vez, os homens, em uma análise de 33 ocorrências, tiveram os seguintes resultados: PD 0%, ÑPD 24,24% e ZERO 75,76%. Ambos tiveram 0% em PD, mas, ao comparar os resultados das demais variantes, é possível notar que as mulheres fazem mais o uso da variante não padrão (ÑPD e ZERO).

Para esse resultado, os autores sugerem a hipótese de que em Martinópolis a mulher tem um convívio social mais limitado em relação aos homens, uma vez que é geralmente o homem que vai à cidade fazer compras, levar um filho doente ao médico e, por isso, provavelmente utiliza mais a variante padrão.

Outra variante estudada foi o emprego do pronome *a gente* no lugar da forma padrão *nós*, considerando, mais uma vez, somente a variável *sexo*. Para essa questão, observou-se que as mulheres fazem mais o uso de *nós*, com 72%, e menos uso de *a gente*



com 28%, assim como os homens (*nós*: 84,62% e *a gente*: 15,38%). De acordo com Silva e Carvalho (2010, p. 17), essas porcentagens mostram o uso simultâneo das duas variantes por ambos os sexos.

Julie Davet e Paula Isaias Campos-Antoniassi, 2014, realizaram a pesquisa intitulada *Variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular – um estudo da fala florianopolitana*. As autoras classificaram as variantes da referida variável da seguinte forma: *marcação de concordância verbal canônica* (*viste, ves, etc.*); *marcação de concordância canônica modificada* (*visse – formas assimiladas*) e *não marcação de concordância verbal* (*viu*). Vale ressaltar que nos baseamos nessa nomenclatura para definirmos as variantes do fenômeno em questão nesta pesquisa, conforme já mencionado na Introdução.

Davet e Campos-Antoniassi (2014, p. 5) procuraram investigar questões relacionadas à identidade *mané*, sendo assim, utilizaram, durante as entrevistas, a temática do *manezinho da ilha* para perceber a identificação do indivíduo com essa caracterização. A amostra utilizada pelas pesquisadoras foi de entrevistas sociolinguísticas realizadas com florianopolitanos, com etnia açoriana, que nasceram e cresceram na região Central (bairros Centro, Trindade e Coqueiros), considerada mais urbana, e em bairros considerados menos urbanos (Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha). Os dados analisados pertencem ao bando de dados VARSUL.

As células sociais foram assim definidas: informantes homens e mulheres, sendo divididos em informantes a partir de 45 anos, tendo estudado até o Ensino Fundamental; informantes acima de 45 anos que tenham cursado o Ensino Superior; informantes de 15 a 37 anos que tenham cursado até o Ensino Fundamental e informantes, com essa mesma faixa etária, que tenham cursado ou estavam cursando o ensino superior, tendo o total de 31 informantes.

Controlaram duas variáveis independentes linguísticas: i) *presença ou ausência do pronome tu*; ii) *discurso reportado ou discurso não reportado*. No que diz respeito às variáveis independentes sociais, foram controladas: i) *sexo* do informante (homem ou mulher); ii) *idade* (mais novo ou mais velho); iii) *escolaridade* (mais ou menos



escolarizado). Além disso, levaram em conta a *diazonalidade* dos informantes, buscando verificar se existe relação entre a localidade em que o informante vive e o uso da variável da concordância verbal do pronome segunda pessoa (*tu*).

Essa pesquisa apontou a importância tanto de grupos de fatores linguísticos quanto sociais. As pesquisadoras analisaram todas as variáveis linguísticas e extralinguísticas e as apresentaram na ordem de explicação a seguir.

A variante *sem marcação da concordância verbal de segunda pessoa* apresentou 86% do total de dados, seguida das variantes *canônica modificada* e *canônica*, com 8% e 6%, respectivamente. No que diz respeito à variável *sexo*, tanto mulheres quanto homens fazem uso das formas *não marcadas* (*viu*), com 87% e 85%, respectivamente. No que diz respeito à *idade*, os informantes mais velhos fazem maior uso de concordância marcada (7%) em relação aos mais jovens, uma vez que esses fazem uso da não concordância com 90%.

No que tange à *escolaridade*, os informantes menos escolarizados fazem mais uso de concordância verbal marcada de segunda pessoa do singular, em relação aos mais escolarizados. Ao juntarem as canônicas com as canônicas modificadas, têm-se um total de 24% para os informantes com menos escolaridade e 6% para aqueles com mais escolaridade. Em relação à *diazonalidade*, o estudo apontou que tanto em zonas urbanas quanto não urbanas os índices de não concordância canônica são altos, com 84% e 87%, respectivamente.

Em relação ao grupo de fatores linguísticos, no que diz respeito à explicitação do pronome, observou-se que há maior uso da concordância verbal de segunda pessoa do singular (*canônica* e *canônica modificada*) quando o pronome está implícito (16%), em relação aos casos que o pronome aparece explícito (11%). As pesquisadoras juntaram as variantes *canônica* com a *canônica modificada* e apresentam a porcentagem de 24% para *discurso reportado* e 12% para o *não reportado*. Dentro dessa variável, elucidada, ainda, a questão das *relações simétricas* e *assimétricas*, nas quais constataram que os discursos entre iguais favorecem a concordância verbal canônica de segunda pessoa do singular.



Mais uma vez, optam por juntar as concordâncias *canônica* e *canônica modificada* e chegam ao índice de 32% para relações entre iguais e 4% para relações assimétricas.

Dante Lucchesi, em 2015, realizou uma pesquisa intitulada *A variação na concordância verbal no português popular na cidade de Salvador*. Nessa pesquisa, Lucchesi (2015, p. 166) fez uma análise quantitativa da variação na concordância verbal em relação à terceira pessoa do plural. Os dados foram coletados do Acervo De Fala Vernácula do Popular da cidade de Salvador (Bahia). No total, foram 48 entrevistas feitas com moradores de quatro bairros populares, os quais tinham zero a quatro anos de escolaridade, entre homens e mulheres distribuídos em três faixas etárias.

O autor fez a análise da aplicação ou não de concordância nas formas verbais finitas ligadas a um sujeito na terceira pessoa no plural. De maneira geral, Lucchesi (2015, p. 172) constatou que há uma frequência baixa da aplicação da regra de concordância, e, dessa forma, a não aplicação da regra correspondeu a 73% dos casos.

Os condicionadores linguísticos controlados por Lucchesi foram *saliência fônica, marca de plural no último constituinte do Sintagma Nominal (SN), sujeito que está antes do verbo, caracterização semântica do sujeito, realização e posição do sujeito, tipo de verbo e coesão estrutural*. Já no que diz respeito ao encaixamento social da variação, foram controlados *idade, sexo, bairro do falante, escolaridade, exposição à mídia e rede de relações sociais*.

O programa estatístico utilizado para análise de dados, GoldVarb (GUY; ZILLES, 2007; NARO, 2003a; SCHERRE; NARO, 2003), selecionou todas as variáveis linguísticas controladas, as quais serão explicadas a seguir de acordo com a ordem de seleção do programa.

No que diz respeito à *saliência fônica*, a frequência de concordância verbal sobe quando passa de um nível menos saliente para o nível imediatamente saliente. A frequência de aplicação da regra de concordância verbal no nível saliente na sílaba tônica tem P.R. de 0,348, o qual sobe para P.R de 0,712 quando se passa para o nível imediatamente superior (menos saliente na sílaba tônica).



No que tange à *marca do plural no último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo*, o que mais favoreceu a aplicação da regra de concordância verbal foi a presença do sujeito pronominal imediatamente antes do verbo, com o P.R de 0,78. O fator que menos favoreceu foi a presença de um numeral imediatamente antes do verbo, com P.R de 0,18.

No que concerne à variável *efeito gatilho*, quando há um estímulo favorável na pergunta do entrevistador, aumenta mais que o dobro, com P.R de 0,56, o uso da regra de concordância verbal do que quando há um estímulo desfavorável, com P.R de 0,23.

Em relação à *caracterização semântica do sujeito*, o falante aplica mais a regra de concordância verbal quando o sujeito da oração se refere a seres humanos com 0,52. Por sua vez, o emprego da regra de concordância verbal é desfavorecido quando a oração se refere a animais e coisas, com P.R de 0,38.

Os resultados da variável *realização e posição do sujeito* mostram que o sujeito imediatamente anteposto ao verbo é o que mais favorece a aplicação da regra (0,52). Em contrapartida, a posposição do sujeito foi o fator que mais desfavoreceu a aplicação da regra, com P.R de 0,22.

No que diz respeito ao *tipo de verbo*, os verbos auxiliares, de ligação e intransitivos agentivos, foram os fatores que mais favoreceram a aplicação da regra, com 0,55 de P.R. Por sua vez, os verbos transitivos que selecionam um sujeito com papel temático de paciente, as construções passivas e ergativas foram os que mais desfavoreceram a aplicação da regra com P.R de 0,28.

Em relação à última variável linguística selecionada, a *coesão estrutural* favoreceu a aplicação da regra quando havia concordância verbal no SN sujeito, com P.R de 0,63, e desfavoreceu a aplicação da regra quando não havia concordância verbal no SN sujeito, com o P.R de 0,45.

No que tange às variáveis sociais, o programa estatístico selecionou as variáveis *sexo* e *bairro do falante*. Entretanto, Lucchesi optou por analisar, também, a variável *idade*, uma vez que essa apresentou um nível de significância próximo ao aceitável com



P.R de 0,09. Desse modo, apresentar-se-ão as variáveis de acordo com a ordem apresentada pelo autor.

A respeito da variável *idade*, os resultados mostraram que a frequência de aplicação da regra sobe à medida que se passa das faixas etárias mais velhas, com P.R na faixa III de 0,47 e na faixa II com 0,48, para as mais novas com P.R de 0,54. Já em relação ao *sexo* dos informantes, os homens são os que mais fazem a aplicação da regra, com 0,54, comparando com as mulheres, que a desfavorecem, com P.R de 0,46. Por fim, em relação ao *bairro do falante*, o bairro que mais favoreceu a aplicação da regra foi Cajazeiras, com P.R de 0,56, e o que não favoreceu foi Itapã, com P.R de 0,44.

Desse modo, observou-se que, na pesquisa de Lucchesi, o que mais favoreceu a aplicação da regra de concordância verbal foram as variáveis linguísticas.

3. Expressão pronominal de P4

Optou-se por apresentar três trabalhos sobre a expressão pronominal de P4 os quais controlaram como variável independente a ‘concordância’ a fim de elucidar mais sobre o fenômeno aqui investigado.

Brustolin, em 2011, realizou um estudo intitulado *Itinerário do uso e da variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental e da Rede Pública de Florianópolis*. Nessa pesquisa, estudou-se a variação de *nós* e *a gente* (e suas realizações na desinência verbal *-mos* e *zero*) na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental em quatro escolas da rede pública em Florianópolis na região leste de Santa Catarina. Foram utilizadas amostras de produções textuais e entrevistas orais coletadas de maio a outubro de 2008.

A pesquisadora controlou os seguintes grupos de fatores linguísticos: *marca morfêmica do verbo que o acompanha* (*zero* e *-mos*), *sujeito preenchido e nulo*, *modalidade* (*fala* e *escrita*), *saliência fônica*, *paralelismo formal*. No que diz respeito aos grupos de fatores extralinguísticos, controlaram-se: *sexo* e *série* (*5ª*, *6ª*, *7ª*, *8ª*).



No total, foram 1667 ocorrências de *nós* e *a gente*, dentre essas ocorrências, houve 424 realizações do pronome *a gente* (25%), por sua vez as realizações de *nós* correspondem a 75% do total, ou seja, 1.243 de ocorrências. Considerou-se o pronome *a gente* como aplicação da regra e os grupos de fatores que foram selecionados pelo programa VARBRUL foram os seguintes, de acordo com a ordem de relevância: *marca morfêmica*, *preenchimento do sujeito*, *fala e escrita*, *paralelismo formal (sujeito-sujeito)*, *saliência fônica*, *sexo*, *série* e *paralelismo formal (sujeito-objeto)*.

Em relação à modalidade *fala x escrita*, observou-se 174 (14%) ocorrências do pronome *a gente* na escrita dos informantes e 250 ocorrências (65%) na fala. No que diz respeito à *marca morfêmica*, observou-se maior produtividade dos verbos com o morfema \emptyset ou P3 combinando-se com o pronome *a gente*, com 92% e P.R de 0,99 contra 4% de *a gente* com o morfema *-mos*, P.R. de 0,21. Já em relação ao *preenchimento do sujeito*, observou-se que o emprego de *a gente* quando comparada ao emprego de *nós*, é de 51% contra 49%, com peso relativo de 0,89. Além disso, verificou-se que há mais sujeito nulo com a forma *nós*, com 99%.

No que diz respeito ao *paralelismo formal (sujeito-sujeito)*, constatou-se que quando o pronome *a gente* inicia uma sentença, a tendência é que se tenha influência no uso de *verbo + \emptyset* nas formas subsequentes, com o peso de 0,96. No que diz respeito à *fala*, a forma *nós... nós* favoreceu a utilização do pronome *nós* com um percentual de 89%. Já na *escrita*, observou-se que o uso do *a gente* acontece mais quando acontece o paralelismo de *a gente... \emptyset* (83%) e *a gente... a gente*, com 49%. No que diz respeito à *fala*, observou-se que a frequência da utilização de *a gente*, no lugar de *nós*, é maior quando o antecedente for *a gente*.

Em relação à *saliência fônica*, constatou-se que o pronome *a gente* é empregado com mais frequência nos níveis de menos *saliência fônica* (34%) (ex.: *vai/vamos*) do que nos níveis de maior *saliência fônica* (24%) (ex.: *falava/falávamos*). Por fim, das variáveis linguísticas, observou-se que em relação ao *paralelismo formal (sujeito-objeto)*, o que mais se mostrou relevante foi *a gente... (d) a gente*, com *a gente*, apontando os resultados de 33% e peso relativo de 0,82. Esse resultado indica que quando o sujeito *a gente* inicia



uma sentença, a tendência é que o objeto também prefira essa forma. Do mesmo modo, ocorre com o pronome *nós*, pois ao iniciar uma sentença, esse é retomado no objeto por esse pronome.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, observou-se que na variável *sexo*, as mulheres favoreceram o pronome *a gente* (0,64), já os homens o desfavorecem (0,32). No que tange à variável *série*, percebeu-se que os alunos que favorecem o pronome *a gente* são das séries 5ª e 6ª (0,70 e 0,51, respectivamente). Por sua vez, os alunos das séries 7ª e 8ª apresentaram o peso relativo de 0,49 e 0,33, respectivamente, para o uso do pronome *a gente*, desfavorecendo, portanto, essa forma.

Outro estudo sobre expressão pronominal de P4 é o de Vitória (2015), intitulado *Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar*, o qual teve por objeto de estudo a variação das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió (AL).

Utilizou-se uma amostra composta por 120 produções textuais coletadas em uma escola pública de Maceió/AL, em 2007. Os textos foram produzidos por 30 alunos do ensino fundamental (15 meninos e 15 meninas) e 30 alunos do ensino médio (15 meninos e 15 meninas). Para análise estatística dos dados, utilizou-se o programa GOLDVARBX e controlaram os seguintes grupos de fatores linguísticos: *preenchimento do sujeito*, *marca morfêmica*, *paralelismo formal*, *traço do referente*, *tempo verbal* e *saliência fônica*. No que tange aos grupos fatores extralinguísticos foram controlados: *escolaridade*, *sexo* e *tema de produção textual*.

O resultado geral da pesquisa aponta um total de 242 realizações das formas pronominais em estudo, com 280 ocorrências de *nós* e 34 ocorrências de *a gente*. Os grupos de fatores selecionados serão apresentados a seguir de acordo com ordem de seleção feita no programa GOLDVARBX.

O primeiro fator selecionado pelo programa estatístico foi o *paralelismo formal*, o qual apontou como resultado em relação à realização do pronome *a gente*, um total das 34 ocorrências, 26 delas foram realizadas quando o *a gente* é antecedido de *a gente*, com



o percentual de 96% e P.R. de 0,98. Da mesma forma, ocorre com o pronome *nós* quando é antecedido por *nós*, com os valores de 99% e P.R de 0,85.

No que diz respeito à *marca morfêmica*, verificou-se que das 242 ocorrências de *nós* e de *a gente*, obteve-se 198 com *concordância canônica* (*nós*+P4 e *a gente* +P3) e 44 com *concordância não-canônica* (*nós*+P3 e *a gente*+P4). Observou-se, também, que a forma *nós* tende a ser feita com mais frequência com P4 ou morfema *-mos*, com os valores de 94% e P.R de 0,80. Já no que diz respeito ao uso de *a gente*, obteve-se um percentual de 6% para *a gente*+P3 (0,20) e 52% (0,98) para *a gente* + P4.

No que diz respeito à variável *preenchimento do sujeito*, é necessário entender que a autora apresenta a nomenclatura *expressão plena* quando *nós* e *a gente* são expressos foneticamente na indicação na primeira pessoa do plural, e entende por *expressão nula* quando esses pronomes são indicados por meio da desinência verbal (*-mos* e \emptyset), sem a realização das formas pronominais. Sendo assim, observou-se que há um percentual de 27% para o fator *expressão plena* (0,70) e 12% (0,48) para o fator *expressão nula*. Das 242 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente*, 216 apresentam o sujeito nulo e 26 o sujeito pleno, com os respectivos percentuais de 89% e 11%.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, a primeira selecionada foi a *escolaridade* e constatou-se que os alunos tendem a aumentar o uso da forma pronominal *nós* à medida que acontece o aumento da escolarização, passando de 69% de uso no ensino fundamental para 97% no ensino médio. Por sua vez, a forma pronominal *a gente* tende ser menos frequente no ensino médio, com apenas 3% em comparação com o ensino fundamental com 31%. Dessa forma, o nível fundamental tende a favorecer o uso de *a gente* (0,83), enquanto o ensino médio desfavorece esse uso (0,28).

No que concerne à variável *sexo*, segunda selecionada pelo programa, observou-se que os falantes do sexo masculino apresentam um percentual de 6% e P.R. de 0,39 da forma *a gente*, por sua vez, as mulheres têm um percentual maior da realização dessa forma pronominal com 19% e com P.R. de 0,62.

Por fim, em relação à variável *tema da produção textual*, constatou-se que a forma *a gente* tende a ser usada com mais frequência nas produções textuais que relatam



experiências pessoais dos alunos com 20% e P.R. de 0,68. Já quando o tema não se refere à experiência pessoal, o uso da forma *a gente* cai para 3%, com P.R de 0,23.

Camacho e Silva (2017), por sua vez, realizaram a pesquisa intitulada *Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco*. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 40 gravações de fala natural realizada nos anos de 2011 e 2012 e, para análise de dados, utilizou o programa Goldvarb.

No que diz respeito às variáveis sociais controladas, analisaram-se as seguintes: *sexo*, *escolaridade* e *idade*. Já em relação as variáveis linguísticas, o pesquisador controlou *natureza da referência* (especificidade ou não especificidade) e *concordância verbal*. Como resultado geral da análise, observou-se que o sintagma nominal *a gente* já está incorporado à gramática da comunidade em estudo, apesar de ainda estar em concorrência com a variante *nós*.

Em relação a variável *sexo*, constatou-se que tanto no discurso dos homens quanto no discurso das mulheres há uma preferência pela forma *a gente*. Os pesos relativos mostraram que a variante *nós* é mais favorecida no discurso dos homens (0,61) e a variante *a gente* é mais favorecida no discurso das mulheres (0,58). No que diz respeito à *idade*, observou-se que a variante *a gente* é favorecida pelos informantes das faixas etárias intermediárias de 15 anos e 21 anos (0,63), por sua vez, os informantes de mais de 60 anos foram os que mais favoreceram as variantes *nós* (0,72). Os autores sugerem que o uso de *a gente* pelos informantes situados nas faixas etárias intermediárias pode ser por conta da perspectiva de entrar no mercado de trabalho e, provavelmente, podem fazer mais uso de uma forma inovadora.

No que tange à variável linguística *referência específica e não específica*, observou-se que a forma pronominal *a gente* é favorecida por enunciados em que há uma referência específica, apesar da referência não específica favorecer mais o seu uso (0,81). No que diz respeito à variável *forma de concordância*, constatou-se que há um favorecimento de *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular (0,60). Em relação à variante *nós*, essa forma é favorecida pela concordância não padrão (0,94).



Os autores constataam, ainda, que apesar o uso da forma *a gente* ocorrer com a concordância da 3ª pessoa do singular, não há como afirmar que esse uso esteja ligado ao conhecimento da norma padrão da língua, uma vez que ao fazerem o uso da forma *nós*, os informantes a realizam também com a 3ª pessoa do singular. Apresentam a hipótese que o falante rio-branque tem preferência pela forma *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular, pois adotam uma forma menos “complicada” para fazer a concordância, uma vez que o uso de *nós* faz com que se use formas verbais proparoxítonas (*fôssemos, levávamos, comíamos*) as quais podem ser mais difíceis de fazer a concordância padrão para falantes menos escolarizados.

4. Procedimentos metodológicos

O *corpus* desta pesquisa foi extraído de entrevistas sociolinguísticas de seis informantes moradores do bairro Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM). Para a coleta de dados, foram seguidos os seguintes critérios acerca dos informantes: terem, obrigatoriamente, a escolaridade até o ensino fundamental II, terem nascido e residido na Praça 14 de Janeiro e não terem se afastado por mais de mais de dez anos do referido bairro. Ainda, foi necessário que os pais desses informantes também fossem desse bairro. Os dados foram coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas feitas pelos alunos da disciplina optativa Tópicos especiais em Linguística 18 - Sociolinguística do Programa de Pós-Graduação em Letras em 2019. No quadro a seguir, mostra-se o perfil social dos informantes entrevistados:

Quadro 1- Perfil dos informantes da Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM)

	18 a 35 anos		36 a 55 anos		56 em diante	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
4 a 8 anos de escolarização (Fundamental completo ou cursando)	1	1	1	1	1	1

Fonte: Elaborado pelo autor.



Para a análise dos dados, foram controlados dois grupos de fatores sociais: *idade* e *sexo* e três grupos de fatores linguísticos *saliência fônica*, *distância do sujeito em relação ao verbo* e *tempo verbal*.

5. Análise e discussão dos resultados

Para análise dos dados, utilizou-se o programa GoldVarbX (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). No total, transcreveram-se 166 dados da variável dependente *concordância verbal de P4*. Como se observa, foram encontrados poucos dados sobre o fenômeno devido, provavelmente, à entrevista ter sido direcionada não só com perguntas que envolviam o coletivo, a fim de coletas sobre concordância de P4, mas também com outras perguntas, as quais foram incluídas para atender aos demais fenômenos pesquisados pelos alunos da disciplina em questão.

Os resultados mostram que a variante mais utilizada pelos moradores do bairro Praça 14 de Janeiro foi a *canônica* (ex.: *aí gente procurou fazer exame particular pra adiantar e::*) com 62,7% (104 dados). A variante *mais canônica* (ex.: *nós conhecemos como oratório*) veio em seguida com 33,7% (56 dados) e a variante menos utilizada foi a *menos canônica* (ex.: *nós participamoØ porque nós temos uma...*), com 3,6% (6 dados). A variante que não apareceu na fala dos informantes foi a *não canônica* (ex.: *a gente amamos*).

Além disso, a variante *menos canônica* foi excluída das demais rodadas no programa, uma vez que na primeira rodada da porcentagem houve um *knockout*, ou seja, não houve variação, encontrando-se 0% ou 100% dessa variante nas variáveis *faixa etária* e *distância do sujeito em relação ao verbo*. É importante também ressaltar que a variante *não canônica* (ex.: *a gente amamos*) foi excluída da análise de dados por não apresentar nenhuma ocorrência. A seguir, apresenta-se no Gráfico 1 a distribuição das três variantes encontradas na fala dos entrevistados:

Gráfico 1 – Distribuição da concordância verbal de P4 no bairro Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se, com isso, que a variante em mais evidência entre os moradores da Praça 14 de Janeiro é a *canônica* (ex.: *a gente ama*). Pode-se sugerir que a forma *canônica* esteja sendo mais utilizada por não ser considerada tão estigmatizada, apesar de não estar ligada à norma padrão da língua portuguesa. De acordo com Coelho *et. al.*:

Observamos que a variante padrão tende a ser prestigiada e conservadora, ao passo que a variante não padrão tende a ser estigmatizada e inovadora. Vale ressaltar, contudo, que essas são *tendências* – nem sempre a realidade que observamos reflete essas tendências. Vejamos o caso, por exemplo, da variável “expressão pronominal de P4”, cujas variantes são, atualmente, os pronomes ‘nós’ e ‘a gente’. Claramente a variante padrão é ‘nós’. Ela goza de prestígio e é a forma conservadora, que está há mais tempo na língua. Por sua vez, ‘a gente’ é variante não padrão, que sofre mais estigma e é inovadora. Nota-se, contudo, que o estigma de ‘a gente’ tem se perdido e que essa variante tem sido usada também em contextos mais formais, nos quais figurava apenas a forma ‘nós’. Estamos vendo, portanto, a *tendência* que mostramos anteriormente sendo relativizada (COELHO *et al.*, 2015, p. 19).

Apesar de serem fenômenos de variação distintos, a *expressão pronominal de P4* e a *concordância nominal de P4* estão interligados. O informante pode utilizar algumas das expressões, como *a gente* para evitar a expressão nós, e, conseqüentemente, evitar a possível forma *menos canônica* (ex.: *nós ama*). Sendo assim, é possível observar que essa *tendência* é também relativizada na pesquisa em questão, uma vez que a variante considerada não padrão e inovadora tende a ser vista como menos estigmatizada pelos falantes da Praça 14 de Janeiro, embora não se tenha aplicado nenhum teste de atitude



para verificar o *status* dessa variante no referido bairro. Pode-se sugerir que a expressão pronominal de P4 *a gente* está cada vez menos vista como estigmatizada como pontuado por Coelho *et. al.* (2015, p. 19). A análise dos grupos de fatores, na próxima subseção, pode nos explicar melhor essa hipótese. Por sua vez, a variante *mais canônica* (ex.: *nós amamos*) considerada a padrão, pode estar sendo vista pelos moradores entrevistados como conservadora.

5.1 Análise dos grupos de fatores

Para análise dos dados, foi feita uma rodada estatística entre as variantes *canônicas* e *mais canônicas*, uma vez que foram as que mais tiveram aparecerem na fala dos informantes entrevistados no bairro estudado.

A aplicação da regra para a rodada estatística no programa GoldVarbX foi a variante *canônica* (ex.: *a gente ama*), a qual apresentou 62,7% das ocorrências.

Ao fazer a rodada do peso relativo das variáveis independentes, observou-se na análise do programa que os grupos de fatores linguísticos não foram relevantes para a variação da concordância verbal de P4, uma vez que não foram selecionados. Logo, as variáveis independentes *saliência fônica*, *distância do sujeito em relação ao verbo* e *tempo verbal* foram excluídas desta análise de dados.

Sendo assim, os grupos de fatores que foram selecionados pelo programa estatístico foram os extralinguísticos, *faixa etária*, em primeiro lugar, e, em segundo, *sexo*, os quais serão explicados a seguir:

5.1.1 Os grupos de fatores extralinguísticos

No que diz respeito às variáveis independentes extralinguísticas, explicaremos, primeiramente, como funciona a influência da variável *faixa etária* no uso da variante *canônica* no falar dos moradores entrevistados na Praça 14 de Janeiro, já que foi a primeira na ordem de seleção. A seguir, na Tabela 1, verifica-se a influência da variável *faixa etária* no uso da variante em questão:



Tabela 1- Frequência e probabilidade da variante “canônica”, segundo a variável ‘faixa etária’

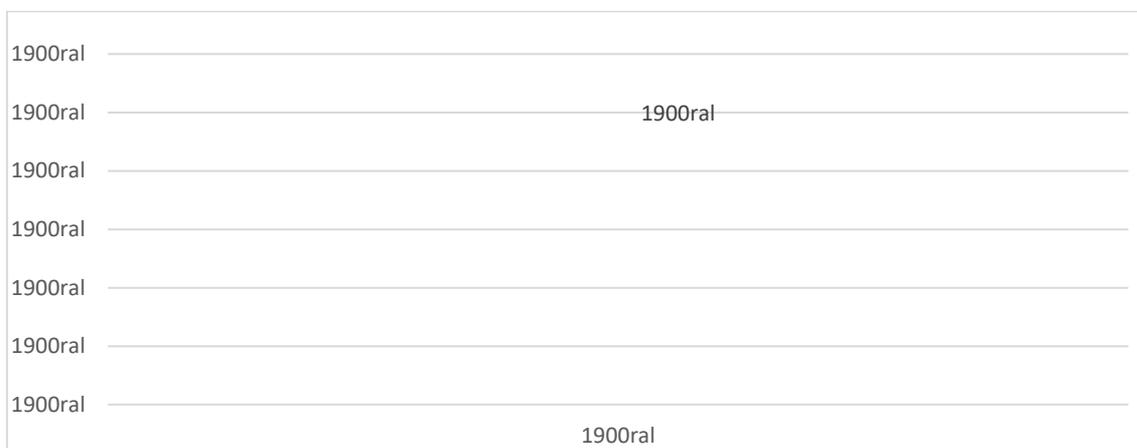
Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
18 a 35 anos	27/28	96,4%	0,85
36 a 55 anos	60/113	53,1%	0,33
56 anos ou mais	17/19	89,5%	0,81

Significância: 0,000
Input: 0,84

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com os dados da Tabela 1, pode-se verificar que a faixa etária de 18 a 35 anos foi a que mais favoreceu a aplicação da regra (0,85), seguida da terceira faixa etária (0,81). A faixa etária de 36 a 55 anos, por sua vez, com o peso relativo de 0,33 a desfavorece. Podemos ver esses dados representados no Gráfico 2, a fim de verificar a curva desses resultados:

Gráfico 2 – Frequência de uso da variante *canônica* segundo a variável *idade*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se verifica no Gráfico 2, a segunda faixa etária utiliza com mais frequência a variante *mais canônica* (ex.: *nós amamos*) ao passo que as demais faixas etárias utilizam com quase a mesma frequência mais a variante *canônica* (ex.: *a gente ama*). É possível que a segunda faixa etária desfavoreça a *canônica* por conta da inserção no mercado de



trabalho, visto que é nesse momento da vida que as pessoas procuram ou estão em alguma ocupação. Além disso, os mais novos e os mais velhos favorecem o uso da *a gente ama*, evidenciando mais ainda que a faixa de 18 a 35 anos ainda não está trabalhando e a de 56 anos ou mais já está saindo desse momento da vida, assim, optam pela variante *canônica*. Para melhores conclusões, pode ser necessário uma ampliação da pesquisa verificando a ocupação dos informantes.

De acordo com Mollica e Braga (2015):

A média do grau de realização de uma variação estável, tal como mudança em progresso, pode depender da faixa etária do falante. Entretanto, neste caso não costuma aparecer o padrão linear [...] mas um padrão curvilíneo em que os grupos extremos- os jovens e os velhos – apresentam o mesmo comportamento, contrastando com a população de meia idade. (MOLLICA E BRAGA, 2015, p. 47)

Partindo dessa constatação, observa-se, com o Gráfico 2, que a variação entre as formas *canônica* e *mais canônica* trata-se de uma variação estável, uma vez que a curva representada no gráfico é um padrão curvilíneo, que, assim como afirma Mollica e Braga (2015, p. 47), os grupos extremos apresentam o uso da variante *canônica*, já os da faixa intermediária fazem o uso da *mais canônica*.

A segunda variável selecionada dentre as variáveis independentes que favoreceram o uso da variante *canônica* foi a variável *sexo*. Na Tabela 2, a seguir, verifica-se qual é a frequência do uso e o P.R. da variante *canônica* em relação a esse grupo de fatores:

Tabela 2- Frequência e probabilidade da variante “canônica”, segundo a variável ‘sexo’

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Homem	43/98	43,9%	0,16
Mulher	61/62	98,4%	0,92

Significância: 0,000
Input: 0,84

Fonte: Elaborado pelo autor.



De acordo com a Tabela 2, pode-se observar que as mulheres favoreceram a aplicação da regra (0,92), já os homens a desfavoreceram (0,16).

Neste estudo, apesar da variante *canônica* (ex.: *a gente ama*) não ser considerada como variante padrão da língua portuguesa, pode ser que essa variante esteja sendo considerada menos estigmatizada e, por isso, ser mais usadas pelas mulheres.

Chama a atenção, nos nossos dados, os homens favorecerem a variante *mais canônica* (ex.: *nós amamos*). Provavelmente, pode não haver esse *status* prestígio X estigma em relação às duas variantes encontradas no falar dos moradores entrevistados na Praça 14 de Janeiro (Manaus). Vale ressaltar, ainda, que todos os informantes têm um baixo nível de escolaridade (até o Ensino Fundamental II) o que nos leva a pensar mesmo em não haver esse valor social de estigma ou prestígio em relação às variantes do fenômeno em estudo.

Para melhor compreensão da aplicação da regra em relação às variáveis *faixa etária* e *sexo*, optou-se por fazer uma correlação delas. O resultado apresenta-se na Tabela 3:

Tabela 3- Frequência e probabilidade da variante “canônica”, segundo o cruzamento das variáveis ‘faixa etária’ e ‘sexo’

Faixa etária	Homem	Mulher
18 a 35 anos	100%	95%
36 a 55 anos	34%	100%
56 anos ou mais	82%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se, na Tabela 3, que os homens de 35 a 55 anos foram os que menos utilizaram a variante *canônica* (ex.: *a gente ama*), com 34%. Pode-se supor que os homens dessa faixa etária tendem a não fazer uso dessa variante por conta da inserção no mercado de trabalho e, assim, optam por utilizar a variante *mais canônica* (ex.: *nós amamos*).

Mollica e Braga (2015, p. 47) apresentam o estudo feito por Chambers e Trudgill (1980) da variável (ng) através de tempo aparente em Norwich, na Inglaterra. Observou-



se que o uso da velar *standard* aumentou no momento em que os informantes entram no mercado de trabalho e volta a cair assim que se aposentam.

No caso da concordância verbal de P4, neste artigo, acontece de forma idêntica essa tendência no que tange aos homens, uma vez que os informantes da faixa intermediária optam por utilizar a variante *mais canônica* (ex.: *nós amamos*), enquanto os da primeira faixa etária e da terceira produziram com maior frequência a variante *canônica*, com 100% e 82%, respectivamente. Desse modo, pode-se perceber que os homens mais novos usam a variante *canônica* por ainda não estarem no mercado de trabalho e os mais velhos a utilizam mais porque já saíram.

Em relação às mulheres, observamos que tanto as da faixa intermediária quanto as da terceira faixa etária usam de forma categórica a forma *canônica* (a gente ama) ao passo que as da primeira faixa etária já trazem na sua fala também a forma *mais canônica* (nós amamos), embora com um percentual mais baixo (5%). Correlacionando, assim, *sexo* e *idade*, observamos um indício de mudança em curso ao verificar os dados das mulheres, liderando o uso da forma *mais canônica*, no entanto, ao analisar os dados dos homens, notamos uma variação sociolinguística estável: os homens jovens lideram o uso da forma *canônica* (ex.: *a gente ama*) que também é mais usada pelos mais velhos.

Considerações Finais

Diante dos resultados apresentados, constata-se que a variante *canônica* (ex.: *a gente ama*) da concordância verbal de P4 foi a mais utilizada pelos moradores entrevistados da Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus (AM), e, com menos ocorrências foi a variante *menos canônica* (ex.: *nós ama*), embora o nível de escolaridade dos entrevistados tenha sido baixo (até o Ensino Fundamental II).

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que foram encontradas as variantes que são mais utilizadas na fala dos moradores do referido bairro, assim como se observou os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam essa variação.



Das variáveis independentes controladas (*idade, sexo, saliência fônica, posição e distância do sujeito em relação ao verbo e tempo verbal*), somente *idade* e *sexo* foram selecionadas pelo programa GoldVarbX. No que diz respeito à variável *faixa etária*, verificou-se, de maneira geral, que as faixas que mais favoreceram a aplicação da regra foram a de 18 a 35 anos (0,85) e a de mais de 56 anos (0,81). Por outro lado, a que menos favoreceu a aplicação da regra foi a faixa de 36 a 55 anos (0,33). Já no que tange à variável *sexo*, observamos que as mulheres favoreceram mais a aplicação da regra (0,92), já os homens a desfavoreceram (0,16).

É importante também observar que apesar dos informantes terem somente o ensino fundamental II, eles fizeram mais uso das formas *canônicas* e *mais canônicas* em relação à variante *menos canônica*.

Para uma melhor reflexão desses resultados, é necessária uma ampliação da pesquisa a respeito da profissão dos entrevistados a fim de fazer a correlação das variantes *canônica* e *mais canônica*. Também seria interessante controlar o nível de escolaridade para observar o *status* de prestígio ou não das variantes em questão.

A relevância desta análise está em entender mais sobre como funciona a variação da concordância verbal de P4 na fala amazonense, especificamente, na fala dos moradores entrevistados na Praça 14 de Janeiro da cidade de Manaus. Além disso, esse estudo contribui para o aumento de informações acerca dessa variável no PB.

Referências

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba Silva. Itinerário do uso e da variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental e da Rede Pública de Florianópolis. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 352-374. 2011.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer Sociolinguística).

DAVET, Julie.; CAMPOS-ANTONIASSI, Paula Isaias. Variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular – um estudo da fala florianopolitana. **Work. Pap. Linguístic**. Florianópolis, v. 15/1, p. 95-111, 2014.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 34 • Jul 2021

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i34.396>

LUCCHESI, Dante. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 52, p. 166-204, 2015.

SILVA, Cícero da.; CARVALHO, Maria Aparecida Nunes. A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala popular de Martinópolis – TO: Resultados preliminares. *In: I Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística*, 2010, UFMA. São Luís: outubro de 2010, p. 1 - 20.

SILVA, Marinete Rodrigues da.; CAMACHO, Roberto Gomes. Os pronomes *nós* e *a gente* no português falado em Rio Branco. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46/1, p. 311-321, 2017.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito escolar. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 31/2, p. 128-143.

Recebido em: 27/04/2021 | Aprovado em: 17/05/2021.
